



Adaptação: Sueli Maria de Regino

## A ÁGUA DA VIDA

Era uma vez um rei que um dia adoeceu gravemente. Seus três filhos, pensando que o pai ia morrer, estavam chorando no jardim quando apareceu um velho e perguntou a razão de tanta tristeza. Ao saber o que acontecia, ele disse:

— A água da vida pode curar o rei, mas é muito difícil de conseguir.

Quando o rei soube que seu filho mais velho queria sair em busca da água da vida, disse que não consentiria, pois a viagem era muito perigosa. O rapaz, porém, pensava que se conseguisse a água, o pai lhe daria o trono. E assim, tanto insistiu que o rei acabou concordando com a viagem.

Depois de alguns dias a cavalo, ao atravessar uma floresta, o príncipe encontrou um anão, feio e mal vestido, que lhe perguntou aonde ia. O rapaz, muito grosseiramente, respondeu, apressando o cavalo:

— Não é da sua conta, coisa ridícula!

O anão, furioso, lançou uma maldição, aprisionando o príncipe e o cavalo entre dois barrancos, onde ficaram passando frio, fome e sede. Vendo

que o irmão não voltava, o segundo filho resolveu buscar a água da vida. O rei, ao saber dos planos do filho, não deixou o rapaz partir, mas ele tanto insistiu, que o pai acabou cedendo.

Quando atravessava a floresta, o príncipe encontrou o mesmo anão, sujo e mal vestido, que lhe perguntou para onde ia com tanta pressa. O rapaz, tão arrogante como o irmão, respondeu, esporeando o cavalo:

— Sai da frente, coisa nojenta!

O anão lançou outra maldição e, pouco depois, o príncipe acabou entalado entre os barrancos, como seu irmão mais velho.

Vendo que os irmãos não voltavam, o filho mais novo pediu para sair em busca da água da vida. O rei disse que não, mas tanto o rapaz insistiu que o pai acabou cedendo. O príncipe seguiu em direção à floresta e quando o anão lhe perguntou para onde ia, parou seu cavalo e disse, educadamente:

— Vou procurar a água da vida, um remédio que pode salvar da morte o meu pobre pai. O senhor sabe onde posso encontrar?

O anão respondeu:

— Como você foi bem educado comigo, vou indicar o caminho. Preste atenção ao que eu digo. Ao sair da floresta não entre no desfiladeiro que está à frente, vire à esquerda e continue até chegar a uma encruzilhada. Ali você deve tomar o caminho à direita, que leva a um castelo encantado. O castelo tem um grande portão de ferro, que só vai se abrir se você o tocar três vezes com esta varinha.

O anão deu ao rapaz uma varinha de madeira e continuou:

— Logo à entrada, você vai encontrar dois leões ferozes. Jogue estes bolos para os animais e eles ficarão mansos. Depois, vá até o pátio do castelo, pois é lá que está a fonte da água da vida. Você deve pegar a água antes que soe a última das doze badaladas no relógio da torre. Nesse momento, o portão se fechará e se você se atrasar, ficará preso no castelo.

O príncipe agradeceu a ajuda e seguiu seu caminho. Quando chegou ao castelo, bateu com a varinha, três vezes, no imenso portão e ele se abriu.

Ao entrar, os dois leões avançaram com as bocas escancaradas, mas o príncipe atirou os bolos e eles adormeceram.

Como ainda era cedo, resolveu ver o que havia dentro do castelo. Subiu as escadas e atravessou salões, onde encontrou muita gente dormindo. Em uma das salas, sobre uma mesa, viu uma espada e um saquinho de trigo, que levou consigo, pensando que podiam ser úteis.

No último salão, o rapaz foi recebido por uma belíssima princesa. A moça estava muito feliz porque o encanto do castelo havia sido quebrado. Quando soube que o príncipe buscava a água da vida, recomendou que se apressasse, pois teria que atravessar os portões antes que o relógio da torre terminasse de bater as doze badaladas do meio-dia. Depois, a princesa se despediu, dizendo:

— Dentro de um ano, se você voltar aqui, será meu esposo.

O príncipe saiu para procurar a fonte, mas ao passar por uma linda cama, com lençóis brancos e cheirosos, resolveu descansar um pouco e acabou adormecendo. Felizmente, ao se virar na cama, a espada caiu no chão e ele acordou. Faltava um minuto para o meio-dia!

Bem depressa, o rapaz correu até a fonte e encheu um frasco com a água preciosa. Quando montava seu cavalo, ouviu o primeiro badalar do relógio. Esporeou o animal e disparou em direção à saída. Ao soar a última batida do meio-dia, o portão se fechou com um grande estrondo, mas o príncipe e seu cavalo já estavam do lado de fora do castelo.

No caminho de volta, ao passar pela floresta, o príncipe encontrou o anão. O homenzinho, ao ver a espada e o saquinho de trigo, disse que o rapaz havia feito muito bem em guardar aqueles objetos. Com a espada, poderia vencer sozinho um exército e com o trigo, teria todo o pão que quisesse.

O príncipe perguntou se o anão sabia de seus irmãos e quando descobriu que estavam amaldiçoados, ficou muito triste e pediu que fossem

liberados. O anão, que simpatiza com o príncipe, disse que os libertaria, mas avisou:

Você vai se arrepender de ajudar seus irmãos! Não confie neles, pois seu coração é mau e orgulhoso.

Pouco depois, os três irmãos se encontraram na estrada e o príncipe, muito feliz, contou todas as coisas boas que haviam lhe acontecido.

De volta para casa, passaram por um reino em guerra. O rei lutava desesperadamente para salvar seu povo, que estava faminto, cercado pelos exércitos inimigos. Com a ajuda do saco de trigo e da espada mágica, o príncipe derrotou os invasores e encheu os celeiros do reino. Depois dessa aventura, para encurtar a viagem, os príncipes embarcaram em um navio.

Durante a travessia, os irmãos, cheios de inveja, começaram a conspirar contra o rapaz. Enquanto ele dormia, roubaram o frasco e trocaram a água da vida por água salgada. Também tentaram roubar a espada e o saquinho de trigo, mas os objetos desapareceram de forma misteriosa assim que foram tocados por eles.

De volta ao palácio, o rapaz, imediatamente, levou o frasco para o pai, mas quando o rei bebeu, engasgou e começou a tossir. Os dois príncipes acusaram o irmão de querer envenenar o pai e apresentaram a verdadeira água da vida, que haviam roubado durante a viagem. Assim que o rei bebeu, levantou-se da cama, bem disposto e cheio de saúde.

O príncipe ficou muito magoado com os irmãos e não sabia o que fazer para se defender de suas acusações. Quanto ao rei, que havia acreditado nos filhos mais velhos, pensando que o filho mais novo tentara assassiná-lo, chamou seu caçador e ordenou que matasse o rapaz.

Alguns dias depois, o príncipe foi caçar na floresta, acompanhado do caçador, e percebeu que o homem estava muito triste. Perguntou a razão da tristeza e o caçador respondeu que não podia falar. O rapaz insistiu e o homem acabou contando que estava ali por ordem do rei, para matar o príncipe. Muito infeliz com a revelação, o rapaz disse que não merecia morrer e propôs ao caçador:

— Vamos trocar nossas roupas. Depois irei embora do reino.

O caçador trocou suas roupas velhas pelas roupas do príncipe e deixou o rapaz ir embora. Pouco tempo depois, chegou ao palácio o embaixador do reino que havia sido ajudado pelo filho mais novo do rei, trazendo muitos presentes, em agradecimento por tudo o que o príncipe havia feito pelo seu povo. Diante disso, o velho rei começou a pensar que talvez houvesse se enganado e, arrependido, suspirava pelos cantos:

— Ah, se meu filho ainda estivesse vivo...

Ao saber do arrependimento do rei, o caçador contou o que havia acontecido. O pai, aliviado, mandou que procurassem o rapaz, mas ninguém o encontrou, pois o príncipe, ajudado pelo anão, havia se mudado para outro reino, distante dali.

O tempo passou e, ao se completar um ano, a princesa mandou construir, na entrada de seu castelo, uma linda avenida, calçada com pedrinhas de ouro e brilhantes. Quando ficou pronta, ela avisou aos criados:

— O meu futuro esposo logo vai chegar. Virá a galope, pelo meio da avenida. Mas se aparecerem outros pretendentes, cavalgando à beira da estrada, devem ser expulsos a chicotadas.

O irmão mais velho, pensando que podia se apresentar no castelo e se casar com a princesa, ao ver a avenida revestida de ouro e brilhantes, não quis que o cavalo estragasse aquela riqueza, que já considerava sua.

Então, seguiu pela beira do caminho. Quando chegou diante do portão e disse ser o noivo da princesa, todos riram e o receberam a chicotadas.

Pouco tempo depois, veio o segundo príncipe, e fez como o irmão, levando o cavalo para trotar na terra, ao lado da avenida de ouro e brilhantes. Ao se apresentar como noivo da princesa, teve a mesma sorte do irmão mais velho e foi expulso a chicotadas.

O terceiro príncipe, o noivo verdadeiro, vendo que era tempo de ir ao encontro de sua princesa, seguiu em direção ao castelo. O rapaz ia tão feliz, pensando na alegria de tornar a ver sua amada, que nem percebeu as pedrinhas de ouro e brilhantes que revestiam o caminho. Foi galopando pelo

meio da avenida até chegar diante do castelo, onde a bela princesa o esperava na porta.

O casamento aconteceu com grandes festas. E algum tempo depois, quando a princesa contou ao marido sobre o arrependimento do velho rei, resolveram visitá-lo. Ao saber que seu filho mais novo havia sido traído pelos irmãos, o rei ficou muito aborrecido e mandou chamar os príncipes.

Quando perceberam que suas maldades haviam sido descobertas, os dois tentaram fugir em um, mas não tiveram sorte. Uma terrível tempestade afundou o barco onde viajavam e os dois morreram afogados.

Este texto é parte integrante da  
Biblioteca Bilíngue de Literatura Infantil e Juvenil - Libras/Português  
Acesse pelo site: [www.bibliolibras.com.br](http://www.bibliolibras.com.br)

Direitos Autorais 2016 Copyright© Os textos das adaptações em Libras e Português da Biblioteca Bilíngue de Literatura Infantil e Juvenil – Libras/Português podem ser utilizados, reproduzidos e divulgados livremente, com citação da fonte.